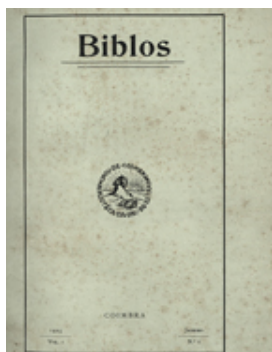


# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



*Biblos*, Coimbra, 1925-

Em 1910, o governo provisório da República encerrou a Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra. Por seu turno, a Lei de 19 de Abril de 1911 previu que surgiria em seu lugar uma nova instituição de ensino: a Faculdade de Letras. Integrada no organismo universitário conimbricense, herdou não só as instalações da antiga Faculdade de Teologia, mas também a Biblioteca e parte do corpo docente. Destinava-se esta nova Faculdade “ao ensino das sciencias psychologicas, philologicas e historico-geographicas” (Diário do Governo, Nº 93, 22 de Abril, 1911, p. 1638). Foi na sequência deste movimento de reorganização do ensino superior conimbricense que teve início a concepção de um projecto para a realização de uma revista que funcionasse: primeiro, como forma de poder receber livros para a Biblioteca, sobretudo estrangeiros, pois só se poderia contar com a oferta dos mesmos “se deles se fizesse a recensão crítica ou o simples anúncio em publicação portuguesa.” (*Biblos*, Vol. XXV, 1949, p. 1); segundo, como meio de divulgação do labor intelectual de professores e alunos da recém-criada Faculdade, afirmando desse modo o valor como investigadores dos primeiros e como futuros investigadores dos segundos; e terceiro, na senda da anterior, como modo de trazer prestígio e renome à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O principal responsável pela concretização do plano foi o Dr. Joaquim Mendes dos Remédios. Doutorado em 1895 e professor na Faculdade de Teologia desde 1896, com a supressão desta transitou para a Faculdade de Letras de Coimbra, alcançando em 1925 o cargo de Director da Faculdade. E foi nesse mesmo ano que sob o seu impulso foi fundada *Biblos*, sendo o primeiro número lançado a público no mês de Janeiro com o subtítulo «*Boletim da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*», alterado em 1927 para «*Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*», o qual ainda hoje conserva. Assim surgiu *Biblos*, um órgão de comunicação jovem de uma instituição de ensino recente e da sua biblioteca.

*Biblos* foi editada em Coimbra, sendo composta e impressa inicialmente nas oficinas da Coimbra Editora, Lda.; e posteriormente na Imprensa de Coimbra, Lda.

A composição dos artigos ficou a cargo dos colaboradores que a revista em si congregou. Com efeito, no período que nos ocupa *Biblos* contou com a colaboração de mais de duas centenas de autores. Mas estes



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

não se resumiram exclusivamente ao professorado da Faculdade de Letras. Na verdade, contou também com a participação de alunos, e antigos alunos, da Universidade de Coimbra. Para além destes, há igualmente que registar a colaboração de autores estrangeiros, muitos dos quais exerciam funções na Faculdade de Letras de Coimbra, bem como o contributo de autores não vinculados ao organismo universitário conimbricense, como é o caso de vários professores da Universidade de Lisboa, professores liceais, ensaístas e intelectuais estrangeiros vinculados a institutos de vulto além-fronteiras. De entre os colaboradores nacionais, incluem-se renomeados historiadores, linguistas, estudiosos das literaturas, homens da filosofia, geógrafos, etnólogos e antropólogos como: A. J. da Costa Pimpão, Américo da Costa Ramalho, Amorim Girão, António de Oliveira, António de Vasconcelos, Cabral de Moncada, Carolina Michaëlis Vasconcelos, Damião Peres, David Lopes, Duarte Leite, Eduardo Brazão, Gonçalves Cerejeira, Hernâni Cidade, Jacinto do Prado Coelho, João da Providência Sousa Costa, Joaquim de Carvalho, Joaquim Leite de Vasconcelos, Joaquim Mendes dos Remédios, Jorge de Alarcão, Jorge Dias, J. S. da Silva Dias, Julião Soares de Azevedo, Luís Ferrand de Almeida, Magalhães Vilhena, Manuel de Paiva Boléo, Manuel Lopes de Almeida, M. H. da Rocha Pereira, Orlando Ribeiro, Paulo Merêa, Queiroz Veloso, Rui de Azevedo, Salvador Dias Arnaut, Serras e Silva, Sílvio Lima, Torquato de Sousa Soares e Vergílio Correia. De entre os colaboradores estrangeiros, compreendem-se reputados historiadores, romanistas, lusitanistas, germanistas, linguistas, estudiosos das literaturas, professores de psicologia e pedagogia, como: Albin Eduard Beau, C. R. Boxer, Charles Verlinden, E. Planchard, G. Le Gentil, Giacinto Manuppella, Harri Meier, Jean Girodon, Joseph M. Piel e Pierre Hourcade.

Um dos propósitos de *Biblos* consistia em zelar pelo e elevar o nome da Faculdade de Letras de Coimbra. Nesta esteira, embora desse a conhecer o nome dos colaboradores que em si congregava, manteve, contudo, o nome dos elementos de secretariado, da redacção e inclusive do directorado em anonimato. Isso parece confirmar o intuito da revista de antepor a si, acima de tudo, o nome da Faculdade de Letras de Coimbra, a fim de prestigiar a instituição a que estava vinculada. Refira-se, todavia, o principal director de *Biblos*: o Dr. Joaquim Mendes dos Remédios, seu fundador e primeiro director.

E quais foram os objectivos da revista? No artigo inaugural, J. Mendes dos Remédios traçou um campo de acção que deveria ser coberto por uma revista da Faculdade. Contudo, como o próprio sublinhou, *Biblos* não era (ainda) uma revista da Faculdade. Era, sim, um Boletim da Biblioteca da Faculdade e como tal os seus objectivos circunscrever-se-iam à tarefa de registar o movimento bibliográfico nacional e estrangeiro que auxiliasse os estudos dos temas nacionais, o que simultaneamente permitiria que a Biblioteca recebesse um exemplar dos livros que seriam registados, apreciados e comentados. Como fruto desta tarefa adviria também o tratamento de assuntos relacionados com o campo temático abrangido pela Faculdade de Letras.



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Todavia, como Amorim Girão escreveu no volume XXV de *Biblos*, em 1949, ano em que a revista completou vinte e cinco anos de existência, “*habent sua fata libelli*” (Vol. XXV, 1949, p. I). Com efeito, *Biblos* conseguiu sobrevir às crises e convulsões sociais, políticas e económicas do tempo e crescer, excedendo “muito o plano previamente traçado, atingindo proporções não imaginadas por quem a converteu em realidade” (*Ibidem*, p. II). De facto, o largo plano traçado por Mendes dos Remédios para uma revista da Faculdade tornou-se mesmo o plano que *Biblos* assumiu a partir de 1927, quando deixou de ser um Boletim da Biblioteca da Faculdade para se tornar uma Revista da Faculdade de Letras de Coimbra, como o atesta a mudança de subtítulo acima referida.

Nesta senda, *Biblos* propôs-se abordar, dentro do campo de estudos abrangido pela Faculdade de Letras, temas e problemas de linguística, literatura, filosofia, arte, história, geografia, arqueologia, sociologia, e pedagogia, privilegiando a incidência dos mesmos sobre o caso português, incorporando simultaneamente recensões críticas, reprodução de conferências e inclusive actas de congressos. Os objectivos compreendiam: a divulgação de estudos internacionais no espaço nacional (recorde-se o volume XLVI, 1970, dedicado à publicação das *Actas do IV Congresso de Estudos Árabes e Islâmicos*); a recolção do contributo de colaboradores nacionais e estrangeiros para o enriquecimento do estudo de temas portugueses; e o aprofundamento e complexificação do estudo dos mesmos por via da articulação, por exemplo, de um tema estrangeiro com um paralelo português. Simultaneamente, embora se tivesse tornado uma Revista da Faculdade, *Biblos* preservou o legado dos anos em que funcionou como Boletim da Biblioteca da Faculdade, facto que se atesta pela transição, incorporação e inclusive crescimento das secções destinadas a recensões críticas, registos e comentários bibliográficos, assegurando desse modo o crescimento do material bibliográfico da Faculdade e da sua Biblioteca.

*Biblos* conheceu regimes de periodicidade diversos, nem sempre lineares, chegando inclusive a coexistir vários num mesmo ano. Não obstante, é possível discernir uma tendência no sentido do alargamento do intervalo entre publicações. Com efeito, em traços largos, *Biblos* começou por ser uma publicação mensal, tornando-se depois bimestral (que parece ter por vezes coexistido com um regime mensal e trimestral), em seguida quadrimestral, adquirindo já no final da década de trinta e início de quarenta um regime de publicação de dois a três tomos por ano, até adoptar, já no final do período que nos ocupa, um regime de periodicidade anual.

Do mesmo modo, o preço também sofreu mutações. Com efeito, em traços largos, no período em que *Biblos* se publicava mensalmente o custo do número cifrava-se nos 6\$00, ao passo que o custo do volume, que consiste no total de números publicados num ano, se fixava nos 60\$00 em Portugal, 70\$00 nas Prov. Ultramarinas, 80\$00 no Brasil e 1£ no estrangeiro. Já no período em que se publicava em dois a três tomos anuais, o preço do volume dentro do espaço nacional variou entre os 50\$00-60\$00 e 80\$00 nos restantes países. Por fim, quando se tornou uma publicação anual, regista-se na década de cinquenta o valor de



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

120\$00 em Portugal, ao passo que a meio da década de sessenta se cifrava em 200\$00, fixando-se, já no final da década de sessenta e início de setenta, em 450\$00.

No que concerne às secções, *Biblos* teve várias. Embora algumas tenham mudado de nome, outras desapareceram e algumas se tenham fundido, ainda assim regista-se a tendência no sentido do aumento do número das mesmas. Com efeito, inicialmente a revista possuía uma secção destinada aos artigos dos seus colaboradores; uma outra secção, intitulada «*Biblioteca da «Biblos»*», onde se davam a conhecer publicações, acompanhadas de um comentário crítico, desde que fossem enviados dois exemplares, sendo um destinado à Biblioteca da Faculdade de Letras; outra secção, «*Bibliografia*», onde também se faziam recensões críticas de bibliografia nacional e estrangeira; uma secção intitulada «*Livros de Portugal*», onde se registavam as publicações portuguesas recentes mais relevantes; e ainda uma outra, intitulada «*Vária*», espécie de miscelânea de notícias de cariz temático diverso. Mas à medida que foi crescendo, *Biblos* foi adquirindo novas secções. Com efeito, logo em Abril de 1925, altura da publicação do seu quarto número, *Biblos* recebeu uma nova secção: «*Os Reservados da Biblioteca da Universidade de Coimbra*». Dava assim a conhecer aos seus leitores obras raras e estimadas existentes na Biblioteca da Universidade de Coimbra, articulando-se deste modo com esta instituição. Algum tempo depois, «*Revista das Revistas*» fornecia uma relação de revistas nacionais e estrangeiras, na qual cada número referenciado era acompanhado de uma lista dos artigos que continha. Outra, «*Notícias e Críticas Bibliográficas*», dava a conhecer publicações nacionais e estrangeiras, acompanhadas de uma recensão crítica, desde que se integrassem na temática da revista e fossem enviados dois exemplares à redacção, sendo um deles destinado à Biblioteca da Faculdade. Ainda uma outra, «*Publicações Recebidas*», proporcionava uma relação de obras, revistas e publicações periódicas recebidas provenientes das mais diversas partes do globo. Com efeito, para além das revistas e publicações periódicas portuguesas, registou-se a proveniência das mesmas da Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Suécia, até à Índia e Japão, passando pela Argentina, Brasil, Costa Rica, Cuba, Israel, E. U. A., entre muitos outros países. Para além destas, durante algum tempo houve uma secção intitulada «*Trabalhos de Alunos*», destinada justamente à divulgação de trabalhos dos estudantes da Faculdade. Uma outra, intitulada «*Crónica*», dava notícia, por exemplo, de jubileus universitários e doutoramentos solenes; e ainda uma outra, que recebeu o título «*Vida da Faculdade*», oferecia notícias acerca de doutoramentos, licenciaturas, conferências, provas académicas e viagens de estudo, testemunhando o labor científico dos professores e alunos da Faculdade de Letras de Coimbra.

*Biblos* contava também com um pequeno sumário no início e um ou mais índices no final de cada número, bem como ilustrações, mapas, fotografias e apêndices e, por vezes, artigos em língua estrangeira (alemão, francês, italiano, entre outros idiomas).



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

A que público se destinava *Biblos*? Enquanto Boletim da Biblioteca da Faculdade de Letras, a “todos quantos estudam a sério e com paixão os nossos problemas linguísticos, históricos, literários, etc., apontando-lhes o que lá se publica, ou lá fóra aparece a nosso respeito.” (Vol. I, Nº 1, Janeiro, 1925, p. 5). Este propósito manteve-se quando se tornou Revista da Faculdade, ao qual se somou o desejo de levar “a toda a parte, onde houvesse a paixão, o interesse ou a simples curiosidade científica, um pouco dos trabalhos daqueles que por profissão e amor se consagram ao ensino das línguas clássicas e modernas, das literaturas românicas, da germanística, dos problemas geográficos e históricos, da filosofia e da arte.” (*Ibidem*, p. 2). Infere-se, pois, pelos objectivos, conteúdo, problemáticas e temas explorados, acessibilidade económica e ainda que raramente pela língua em que se redigiam certos artigos, que *Biblos* se destinava a um público com um nível de escolaridade avançado e um nível de vida sólido, capaz não só de comportar o custo de compra da revista, mas também de compreender as temáticas abordadas e os problemas discutidos.

Por fim, cumpre inscrever *Biblos* no quadro de correntes historiográficas, evocando para isso artigos que nos parecem mais significativos de vários colaboradores da revista. Com efeito, pelo facto de ter congregado um grande leque de cultores da história, *Biblos* apresenta-se como uma síntese de diferentes práticas historiográficas. No entanto, na base há um conjunto de características que parece ter sido partilhado por grande parte dos colaboradores. Trata-se da ideia de elevar a história à qualidade de ciência, colocando para o efeito a tónica no método que deve presidir ao labor do historiador. Nesta senda, é visível em grande número de artigos a preocupação em empregar um método rigoroso, no qual a crítica desempenhe papel nuclear, seja na análise interna e externa da massa documental, seja no labor de selecção e extracção dos factos contidos nos documentos, como ainda na construção do corpo de texto, de características impessoais e que procure um nexos entre a massa de factos a fim de ‘reconstituir’ o passado tão exactamente quanto possível, segundo uma lógica temporal e espacial clara e da qual sejam excluídas todas as interpretações que a base documental não autorize.

A adopção deste método, que, na verdade, é o método da corrente positivista e da escola metódica, parece ter sido acompanhado, a partir da década de trinta, por um incremento no número de artigos cujas temáticas bebem do conjunto de temas privilegiado pelos historiadores dessas duas correntes. De facto, com o advento do novo poder político, a partir da década de trinta há um aumento do número de artigos de temática política, militar, biográfica e diplomática, com especial preferência inclusive para os períodos Medieval e Moderno (então dominantes na historiografia) e, ainda que em raras excepções, também para o século dezanove. Relembre-se os artigos de Queiroz Veloso (Vol. VI, 1930) e de Américo da Costa Ramalho (Vol. XXXVIII, 1962). Simultaneamente, também parece verificar-se a tendência no sentido da demonstração de erudição, de revelação de domínio das «ciências auxiliares» e da preocupação de extrair factos comprovados a partir de fontes seguras, provavelmente relacionado, na esteira da ideia de «história-



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

ciência», com o intuito de construir uma narrativa tão verdadeira, sólida e completa quanto possível. Assim, o culto do documento é visível em grande número de artigos pela quantidade de citações directas dos mesmos, pelo número de notas de rodapé, pela inclusão de estampas e, por vezes, pela adição de grandes anexos documentais. São disto exemplo os artigos de Luís Ferrand de Almeida (Vol. XXVII, 1951) e Salvador Dias Arnaut (Vol. XXXV, 1959). Há também artigos em que a preocupação com o documento e com os factos nele contidos é levada ao extremo, dando origem a corpos de texto que consistem quase na sua íntegra em citações documentais, reservando-se os autores a escrever algumas palavras breves de contextualização e/ou de ligação entre citações. São disto exemplo os artigos de Eduardo Brazão (Vols. XXXVII, 1961 e XXXVIII, 1962) e António A. Ferreira da Cruz (Vol. XIII, 1937). Há ainda que registar o esforço de muitos colaboradores no que respeita à divulgação de documentos autênticos e inéditos. É disso exemplo o artigo de Carlos de Passos (Vol. IV, 1928). Na introdução deste artigo, também parece verificar-se a influência das correntes acima referidas pela exaltação, em tom laudatório e nacionalista, do esforço da raça, “aventureira e aventureira”, “sonhadora e audaz”, e cujo génio incarnou “no mais alto grau” no infante D. Henrique, “paladino intemerato da sua glória” (Vol. IV, 1928, p. 225). Sob a mesma influência, Vergílio Tabora asseriu, num artigo de cultura política (Vols. IV-V, 1928-1929), que a política se fez para os super-homens. A influência da corrente positivista e da escola metódica no que concerne à ideia de que são as grandes figuras os responsáveis pelos acontecimentos mais importantes da história manifestou-se mesmo na análise interdisciplinar de A. de Amorim Girão: *Condições geográficas e históricas da autonomia política de Portugal* (Vol. XI, 1935). Nesse artigo, embora o colaborador de *Biblos* afirme, evocando mesmo uma tese de Lucien Febvre, que houve certos factores de ordem geográfica que concorreram para a autonomia política portuguesa, considera, contudo, que o papel decisivo na obtenção dessa autonomia coube aos grandes-homens. Com efeito, para A. Girão os factores geográficos são somente uma garantia de manutenção da autonomia política do Estado português, pois a verdadeira chave da sua obtenção reside na acção de grandes figuras, cuja ambição pessoal e sonhos de independência individual concorreram para a separação do Condado Portucalense do reino de Leão. No mesmo sentido, nascida a nacionalidade, Amorim Girão conclui que são os homens notáveis os fazedores da história, pois a nação “só verdadeiramente obrou prodígios quando teve a guiá-la algum desses grandes homens [...]” (*Ibidem*, p. 442).

Esta tendência para enformar a escrita da história em moldes semelhantes prende-se com uma ideologia nacionalista em voga no Estado Novo. Ao mesmo tempo, a coacção do poder político pode também oferecer justificação para o facto de o pluralismo temático que marcou *Biblos* na década de vinte, onde se constata em número muito considerável de artigos uma tentativa de afastamento das correntes positivista e metódica pelo tratamento de temas de história social, económica, cultural, religiosa e inclusive pela elaboração de reflexões acerca da própria história, esse pluralismo temático, dizíamos, ter sido afectado no





# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

sentido da exclusão de artigos de história económica e social. Embora estas duas temáticas tenham sido cultivadas nos primeiros anos de *Biblos* por colaboradores como Gonçalves Cerejeira (Vols. II-III, 1926-1927; Vol. IV, 1928), Mendes dos Remédios (Vols. I-IV, 1925-1928), ou Serras e Silva (Vol. II, 1926), a partir da década de trinta sofreram grande contracção.

Não obstante, a publicação de artigos de história política, biográfica, militar e diplomática também não parece ter-se tornado hegemónica. Na verdade, foi entrecortada de modo não pouco frequente por artigos de história da cultura e história da literatura, da autoria de colaboradores como Joaquim de Carvalho (Vol. XXV, 1949; Vol. XIX, 1943; Vol. XXII, 1946), A. J. da Costa Pimpão (Vol. XV, 1939; Vol. XXVII, 1951) e J. S. da Silva Dias (Vol. XXVIII, 1952; Vol. XXXIX, 1963; Vol. XLIII, 1967); de história regional, de Rui de Azevedo (Vol. X, 1934); no que respeita ao problema das origens das instituições municipais e ao problema do armamento e repovoamento do norte de Portugal no século IX, de Torquato de Souza Soares (Vol. XV, 1939; Vol. XVIII, 1942); acerca do acaso, do determinismo e da previsão em história, de Sílvio Lima (Vol. XIX, 1943); acerca das possibilidades, objectivos e daquilo que deve ser a história da filosofia, de Magalhães Vilhena (Vol. XIX, 1943); ou sobre a organização da diocese de Braga, do Pe. Avelino J. da Costa, onde se nota já inclusive sintomas de mudança pela recuperação da análise sob o ponto de vista económico (Vols. XXXIII-XXXIV, 1957-1958).

Simultaneamente, com o ressurgimento de artigos de história económica e história social no início da década de setenta, da autoria de António de Oliveira (Vols. XLVII-XLVIII, 1971-1972) e de Ferrand de Almeida (Vol. XLIX, 1973) e pela publicação, na mesma altura, das *Actas do IV Congresso de Estudos Árabes e Islâmicos* (Vol. XLVI, 1970), parece entrever-se sinais de mudança. Com efeito, aproximando-se um momento de renovação política, nota-se também uma tendência de renovação historiográfica em Portugal. Em *Biblos*, isso reflectiu-se a partir de 1974 não só por um imenso alargamento temático, mas também por uma dilatação da cronologia, que passou a abarcar os períodos Clássico e Contemporâneo. Simultaneamente, em 2003 uma importante renovação teve lugar: a inauguração de uma segunda série, fiel à tradição, mas cujo traço distintivo se consubstanciou na publicação de *Biblos* no formato de números temáticos.

**Fontes:** *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, Vols. I-LXXVIII, 1925-2002; Vols. I-XI (2ª Série), 2003-2013; *Diário do Governo*.

**Bibliografia:** BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé, *As Escolas Históricas*, Mem Martins, Europa-América, D.L., 1990; MARQUES, A. H. de Oliveira, *História de Portugal. Desde os Tempos mais Antigos até ao Governo do Sr. Pinheiro de Azevedo [...]*, Lisboa, Palas, 1976; SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal. A Primeira República (1910-1926) [...]*, Vol. XII, Lisboa, Verbo, 1990; TORGAL, Luís Reis;



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

MENDES, José Amado; CATROGA, Fernando, *História da História em Portugal. Sécs. XIX-XX*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996; *Joaquim Mendes dos Remédios, 1867-1932*. [URL: <http://www.uc.pt/bguc/DocumentosDiversos/MendesRemedios>]; *Biblos. Apresentação*. [URL: <http://www.uc.pt/fluc/investigacao/biblos/apresentacao/index>].

Álvaro Martinho



APOIOS:

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

**BNP** BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO  
LUSO-AMERICANA